

Algumas Palavras Sobre a Morte

É hora de recolher

Subir no poleiro

Seguir o caminho e o canto do entardecer

Aconchegar-se no ninho

Mirar o sol se pôr

Aguardar as estrelas

Agradecer o dia ao som tranquilo da música da noite

É hora dos grilos, dos sapos e dos sussurros do vento. Uma fração excitante de medo.

Na luz da fogueira vejo a escuridão da noite

Revivo as memórias do dia

Agradeço todas

Sou grato por esta hora

Maravilhoso momento

Fecho os olhos e durmo

Encaremos assim a morte. Com a natureza de um dia que finda. Como o maravilhoso momento da noite que desponta. Breve escuridão regeneradora para um amanhecer renascido.

Dessa maneira, com todas as honrarias, recebo com gratidão este instante.

De diferentes maneiras encaramos todos a morte, o falecer, o desencarne. Protagonizamos nosso momento único e inevitável ou zelamos o momento de um indivíduo próximo. Com menor ou maior proximidade, todos somos afetados. O fato é único e igual (quando sinteticamente definido) para cada um de nós.

Somos todos caminhantes da estrada da vida. Parceiros que compartilham as riquezas dos momentos. Somos viajantes do tempo e do espaço, definindo e redefinindo nossas rotas.

Viajantes no éter do cosmo, qual astronautas, utilizamos nossas roupas de viagem.

Saibamos conhecer e cuidar de nosso corpo. Pele, carne e ossos na materialidade. É a roupa do nosso tempo. Saibamos cuidar de nossos pensamentos. São nossas translúcidas vestes. Percebamos nossa alma. A eterna e luminosa túnica do Ser.

Diante da sacralidade de nossa divindade pessoal, convido a amar a morte tal qual amamos a vida. Amar o momento do desencarne com a ternura e expectativa de um nascimento. Momento único, negligenciado e temido por nossa ignorância, insegurança, egoísmo e apego.

Aprender a amar a nós mesmos. O dia e a noite. Tudo tem seu espaço na infinidade da perfeição. Pela compreensão, encontramos a confiança e a segurança do porvir, pois escolhemos viver o agora. Mas se o agora nos convida a perceber a finitude da carne, ele lembra e reforça a eternidade da Alma.

Tudo acontece respeitando o propósito da evolução do Cosmo. A morte do físico é um belo momento da Lei Universal. A alma, fração da divina luz e perpétua criatura, devolve com honrarias sua temporária veste (corpo físico) para ser absorvida e reutilizada na ecologia orgânica dos elementos naturais. “Tudo se transforma, nada se perde”, já dizia. Mas não saímos nus, apenas ficamos com nossas vestes mais leves, invisíveis aos olhos mortais, mas que moldam as peculiaridades do nosso físico. Somos únicos na matéria, pois somos únicos na alma. Temos, então, caminhos únicos que nunca deixamos de trilhar.

Proponho respeitar o momento da morte como breve “até logo”, guardando saudavelmente as memórias dos encontros entre companheiros de viagem. As estações de partidas são infinitas e acontecem na mesma proporção que os momentos de encontros.

Aceitar a morte sem temor é decidir viver a vida, a cada instante. Dizem que morremos um pouco a cada dia. Com base nisto, investem vidas para afastar a morte. Julgam-na algoz impiedosa e ceifadora de vidas. Penso que vivemos cada dia. Tenho a morte amável balseira do rio das mudanças. Considero a mudança uma certeza natural. Disto, resulta a morte uma navegadora das águas da verdade.

É momento, então, para não poupar verdades. Caso não as pratique, convido para aceitar na morte um momento da Verdade. Verdade nos pensamentos, emoções, falas e ações. Sabemos que o leito de morte inspira perdões, esclarecimentos, sinceridades. Aprendamos com a verdade da morte para viver a vida de forma intensa, verdadeira.

Como na vida, os momentos que cercam a morte podem trazer grandes turbulências, típicas de intensas e verdadeiras mudanças. Mas o sofrimento disparatado é uma escolha nossa. Escolhemos sofrer ou não. Sentimos a dor da perda, a tristeza do adeus. Natural e necessário, mas por tempo limitado e de forma saudável se aceito com desapego e exercido empático zelo amoroso. Porém, se negligenciarmos a natureza da vida, não compreenderemos a beleza da morte, e, egoisticamente, encarceramos a leveza do momento com pesados grilhões, forjados pela dor de quem vive ou de quem morre.

Estimulo que entremos em contato com os sentimentos mais nobres, ativados por pensamentos virtuosos para dissiparmos o medo triste da perda e edificarmos agradável ternura no sagrado período de proximidade da morte.

Assim, conscientes da perfeição da vida, podemos empossar a morte ao cargo de amorosa companheira na caminhada de nossa existência.

Leonardo Antunes Azevedo